

O PROCESSO CRIATIVO E ATUAÇÃO URBANA DA ARTISTA KIKA NO ESPAÇO URBANO DE VITÓRIA/ES

THE CREATIVE PROCESS AND URBAN ACTION OF THE ARTIST KIKA ON URBAN SPACE OF VITÓRIA/ES

*Mariana Reis
PPGA/UFES*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo o estudo sobre Arte Pública e Intervenções Urbanas, a partir da produção do graffiti realizado na cidade de Vitória capital do Estado do Espírito Santo. A pesquisa centra-se em questões a respeito do processo de criação, e de produção do graffiti na cidade de Vitória a partir do trabalho da grafiteira local Kika. Palavras chave: Arte Pública; Intervenção Urbana; Graffiti; Arte Contemporânea, Arte Capixaba

ABSTRACT

This research aims the study on Public Art and Urban Interventions, based on graffiti production held in the capital city of the state of Espírito Santo, Victoria. The research focuses on questions about the process of creation and graffiti production in the city of Victory from the work of local graffiti artist, Kika.

Keywords: Public Art, Urban Intervention; Graffiti; Contemporary Art, Capixaba Art.

INTRODUÇÃO

A pesquisa consiste no estudo de estratégias de ocupação estética da cidade de Vitória a partir da produção da artista Jéssica mais conhecida como Kika. Jéssica é estudante de Artes Plásticas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e uma das grafiteiras mais atuantes no cenário urbano de Vitória. A investigação apresenta um breve panorama a cerca do graffiti local mas centra-se no processo de produção e de criação da Kika.

O artigo está baseado nos preceitos da Crítica Genética, uma linha de estudos voltada para o processo de criação, entendendo esse processo como peça fundamental para a compreensão do produto final da artista. Foram utilizadas também como método de pesquisa o trabalho em campo e entrevistas com a grafiteira Kika, além de pesquisas bibliográficas sobre o tema.

O GRAFFITI E SUA RELAÇÃO COM A CIDADE

O graffiti faz parte da realidade das grandes cidades do Brasil e de outros países do globo. No Brasil o graffiti não é considerado um ato de vandalismo quando o trabalho busca valorizar o patrimônio se realizado com autorização do proprietário ou do órgão público responsável.

[...] não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional [...] (artigo 65, parágrafo segundo, da Lei n. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998)

Independente de ser um ato legalizado ou não, o graffiti manifesta-se como uma forma de apropriação do espaço urbano através do diálogo com a paisagem urbana e seus habitantes, para Gitahy (2006) as imagens grafitadas são [...] “figuras presentes no inconsciente coletivo das pessoas, para que elas as reconheçam, apropriando-se delas com suas interpretações, fazendo-as refletir a respeito da espontaneidade e a poesia disponível a todos.”

Apesar do intenso número de informações que atualmente povoam as cidades contemporâneas, é comum que as imagens grafitadas causem ressonância, gerem comentários de forma individual, coletiva e em maiores instancias entre o governo e mídia. Essa ressonância ressignifica o trabalho e gera um processo de negociação entre a obra e o público. Segundo Freitas, como cada transeunte lerá a cada imagem fixada nas paredes depende de um contexto, de um momento histórico, de um grupo social, de suas próprias experiências individuais, mas também do sentido ideológico vigente e ainda da vivência do agora daquele sujeito que contempla e interage com a obra (Freitas apud Bakhtin, 2000).

O GRAFITE NA CIDADE DE VITÓRIA/ES

Pelas ruas da cidade de Vitória é inegável a presença cada vez mais significativa do graffiti, seja em forma de desenhos elaborados, desenhos simples ou bombs (graffiti rápido e ilegal geralmente feito à noite), é possível acompanhar e evolução estética dos grafiteiros através do desenvolvimento de seus registros pela cidade, essas observações do cenário urbano tornam possíveis também o testemunho do surgimento de novos artistas urbanos, que podem atuar sozinhos ou em crews, que são coletivos voltados para a produção do graffiti.

Entre os espaços grafitados na cidade de Vitória é comum a presença de um grande volume de trabalhos em espaços de passagem, como as principais vias rodoviárias da cidade. Entre os bairros mais grafitados estão o bairro Jardim da Penha e também o bairro Centro que matem um perfil de região administrativa e comercial, apesar de possuir diversas casas e edifícios residenciais.

Segundo a pesquisadora Daniela Bissoli (2011) o Centro configura-se como a principal área de atuação do graffiti local, tanto com relação as manifestações mais antigas quanto as novas intervenções, no bairro o graffiti parece estar mais entranhado em seus “poros”, parece insurgir com mais desenvoltura e habilidade, com uma maior intimidade com seus muros e fachadas. Isso pode ser reflexo de pelo menos duas possibilidades, e ambas se apoiam no fato do bairro ser região mais antiga e consolidada da cidade.

A primeira possibilidade é da região do Centro se conservar como polo de atração no contexto metropolitano de fluxo de pessoas e serviços. A segunda é a quantidade de estruturas em estado de abandono existentes no bairro. No momento atual, a região central da cidade encontra-se em processo de renovação urbana mais lento, priorizando outras áreas da cidade.

O Centro apresenta o menor índice de graffitis retirados ou encobertos. Esse índice pode estar diretamente ligado ao letárgico processo de renovação imobiliária, ocasionando poucas perdas de exemplares do graffiti. O índice de novas intervenções no entanto, é elevado. Tal resultado pode estar ligado às dinâmicas urbanas de fluxo, denotando a vitalidade da região central da cidade.

Várias crews atuam em Vitória, entre elas o Mutantes crew, Os Irreverentes, Levi Casado crew, Coletivo DasMina, LDM-1998 (referência ao ano em que foi criado), Os Urbanistas, GDT crew e um dos grupos mais antigos e respeitados do estado o BCL (Batalhando Contra a Lei) crew. O integrante de uma crew ou grupo podem atuar apenas nela como pode fazer parte de mais de um coletivo. É comum o combate por territórios entre as crews e também disputa por reconhecimento dentro e fora dos seus grupos. É comum à maioria dos grafiteiros, desenvolvem trabalhos legalizados e não legalizados, além de encomendas do estado e particulares.

Como acontece em outros estados do Brasil, no Espírito Santo, o graffiti vem sendo apropriado pelo poder público, empresas privadas e pelo circuito artístico. Apesar de muitos grafiteiros realizarem trabalhos encomendados por esses órgãos eles ainda assim atuam ilegalmente no meio urbano, segundo Kika o que diferencia um trabalho do outro é a essência: “[...] o trabalho autorizado eu chamo de mural, faço uma pintura de mural e não um graffiti, os dois são semelhantes na estética mas a essência é outra, o graffiti é marginal, o que é autorizado não é mais graffiti [...]” (Kika, 2014)

O PROCESSO CRIATIVO DA GRAFITEIRA KIKA

Kika é estudante de Artes Visuais na UFES e passou a desenvolver graffitis após um curso sobre a técnica ministrado no Centro de Referência da Juventude – CRJ em Vitória no ano de 2009, desde de então vem grafitando Vitória e cidades vizinhas sempre que há oportunidade. Já foi integrante do coletivo Levi Casado Crew, e atualmente atua no coletivo Toryba junto com Natan e César e também no coletivo feminino DasMina.

A parte da ligação com os coletivos, a artista costuma trabalhar de forma independente pela cidade, segundo Kika “[...]Pinto em grupo também por questão de segurança, mas também pinto sozinha por necessidade de suprir a vontade de pintar mesmo que não tenha ninguém pra acompanhar [...]” (Kika, 2014)

Ao ser abordada sobre a questão da pichação e a diferenciação que ocorre no Brasil entre picho e graffiti, Kika não considera que há uma diferença entre eles, pelo menos não uma diferença em essência e intenção do ato, para ela “[...]Eu reconheço que o pixo (com X) é um movimento específico de uma região, assim como o xarpi... mas de modo geral vejo tudo como graffiti. Não faço essa separação [...]” (Kika, 2014)

Nos trabalhos de Kika é comum à presença da imagem feminina (figura 1 e 2), consiste uma um busto de uma jovem garota desenhada em um estilo que lembra os mangás (histórias em quadrinhos japonesas), em seus últimos trabalhos o busto já apresenta tronco e membros, em um desenvolvimento da imagem que acompanha a expansão de seus estudos em desenho e também mudanças em sua vida pessoal.

Além da imagem feminina, Kika realiza diversos bombs e tags (assinatura do nome ou apelido do grafiteiro) por toda a cidade. Geralmente quando o trabalho é marginal e não há tempo hábil para realizar uma imagem mais elaborada (por ser ilegal o trabalho precisa ser rápido a fim de evitar a abordagem policial), dessa forma os tags e bombs (figura 3) constituem em uma forma rápida de intervenção.

Além da produção marginal Kika produz murais encomendados pelo estado e pela iniciativa privada além de trabalhar em espaços com prévia autorização do proprietário (figura 4), um exemplo de encomenda foi o mural decorativo de uma loja de comercialização de tintas em Vitória/ES, na ocasião diversos grafiteiros foram contratados para desenvolver um mural de cores intensas afim de promover o material comercializado pela loja.



Figura 1 – Grafite na região central de Vitória. Kika Carvalho (2010)



Figura 2 – Grafite na região central de Vitória. Kika Carvalho (2011)



Figura 3 – Rascunhos de bombs e tags. Kika Carvalho (2012)



Figura 4 – Grafite autorizado localizado na avenida Maruípe em Vitória/ES. Kika Carvalho (2014)

O espaço onde se insere o trabalho de Carvalho exerce influências sobre a artista, segundo ela não é sempre possível você grafitar uma tag ou um bomb e nem mesmo as imagens as quais você está acostumada, é preciso ter um pouco de sensibilidade. Um exemplo disso foi em uma vila de pescadores na região da grande Vitória onde a artista havia se programado para grafitar uma imagem profana, na ocasião ela foi sensibilizada pela religiosidade da comunidade e resolveu desenvolver uma imagem semelhante as imagens sagradas da religião católica.

Em espaços de passagem como ruas e avenidas movimentadas da cidade de Vitória, é comum avistar algum trabalho da artista, segundo ela os espaços de maior movimentação de pessoas e veículos promove uma maior visibilidade das intervenções, cumprindo assim com um dos objetivos da grafiteira que é fazer o seu trabalho ser visto.

Diferentemente da maioria dos grafiteiros atuantes na cidade de Vitória, Kika conserva um maior cuidado com seus documentos de processo (figura 5 e 6), com os rascunhos e desenhos que podem vir a ser referências para futuros graffitis ou para futuras telas, Jéssica conserva-os em cadernos e pastas onde são consultados quando é pertinente. Observando esses documentos é notória a diferenciação do traço da artista com o passar dos anos apesar da figura feminina ter sido mantida. Esse cuidado com os documentos de processo é conservado por poucos grafiteiros entre os entrevistados, em comum todos os que mantêm esses registros foram ou são estudantes universitários, dessa forma é possível presumir que a vivência em universidade contribuíram para o desenvolvimento da importância e conservação dessa documentação processual.

No ano de 2013, Kika participou da sua primeira exposição individual, que aconteceu no MUCAME- Museu Capixaba do Negro localizado na região do Centro da cidade. Na ocasião Kika expos diversas telas conservando a estética do graffiti onde questionava o papel da mulher na sociedade contemporânea. Paralelamente ao trabalho institucional e ao graffiti marginal a artista desenvolve intervenções urbanas com stick (adesivos) em formato de caixão onde protesta sobre a violência contra a mulher, chamando atenção para o ato criminoso.



Figura 5 – Documento de processo da artista Kika Carvalho – Folha solta. Arquivo pessoal (2012)



Figura 6 – Documento de processo da artista Kika Carvalho – Caderno. Arquivo pessoal (2012)

Durante o primeiro semestre de 2014, Kika foi convidada para desenvolver seus trabalhos no Chile, Peru e em São Paulo, o convite partiu de grafiteiros estrangeiros que se interessaram pelo trabalho da artista, esse intercambio ocorre de forma independente. O graffiti mantem-se na maioria das vezes com recursos próprios de cada representante.

Na cidade de Vitória, Kika Carvalho é uma das poucas mulheres que trabalham com o graffiti a médio prazo, apresentando uma trajetória clara de desenvolvimento da imagem e do conceito através dos anos. A consistência de seu trabalho vem adquirindo o respeito e reconhecimento de grafiteiros e crews nacionais e internacionais.

CONCLUSÃO

A partir do breve estudo realizado podemos concluir que o graffiti no Brasil já é uma atividade disseminada entre a população, entre o estado e os meios de comunicação. Gradualmente os grafiteiros vêm conquistando o respeito e reconhecimento da sociedade brasileira.

No Espírito Santo o graffiti está em ascensão, há um número elevado de coletivos que se dedicam a pintar a cidade e que recebem o reconhecimento de outras crews espalhadas pelo Brasil e outros países, já houve intercâmbios entre grupos do estado com coletivos de países como Venezuela, Peru, Chile e Itália, é uma atividade em forte desenvolvimento que vem conquistando o respeito e admiração da sociedade.

Atualmente o próprio poder publico estatal promove cursos e oficinas sobre as técnicas do graffiti, para Schlecht (1995) essa parceria do estado com os grafiteiros enfraquece seu impacto social e político, agora a serviço de prefeituras e campanhas publicitárias.

Kika é uma das artistas de maior popularidade e reconhecimento na cidade de Vitória, ela é uma das poucas grafiteiras locais em atividade constante. Seu grande número de imagens, tags e bombs grafitados pela cidade são os responsáveis pela sua popularidade e seu reconhecimento como uma das principais representantes do graffiti no estado.

REFERÊNCIAS

BISSOLI, Daniela Coutinho. A inserção do graffiti na paisagem urbana de Vitória (ES). 2011. 217f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

FREITAS, Maria T.A. Vigotsky e Bakhtin Psicologia e Educação: Um Intertexto. Em: Bakhtin. São Paulo: Editora Ática, 2000.

GITAHY, Celso. Graffiti: da transgressão ao circuito oficial de arte. Disponível em <URL: http://www.itaucultural.org.br/biblioteca/download/celso_gitahy.pdf> acessado em 19 de jan. 2014.

KIKA. O Grafite no estado do Espírito Santo. 2014. Entrevista concedida a Mariana de Araújo Reis Lima, Vitória, 10 jan. 2014.

SCHLECHT, N.E. Resistance and appropriation in Brazil: how the media and “oficial culture” institutionalized São Paulo’s Grafite. *Studies in Latin American Popular Culture – SLAPC*, n.14, p.37-67, 1995.

SIENA, David P. B. A descriminalização do grafite (Lei n. 12.408/2011) e a tipicidade conglobante. Disponível em: <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/6985/A-descriminalizacao-do-grafite-Lei-n-12408-2011-e-a-tipicidade-conglobante>. Data de acesso: 01 de Outubro de 2014.

Poéticas da Criação, ES

Anais do Seminário
Ibero-americano
sobre o processo
de criação nas Artes.
Vitória, Dezembro de 2014

ISBN: 978-85-64586-96-3

Poéticas da Criação, ES

Anais do Seminário
Ibero-americano
sobre o processo
de criação nas Artes.
Vitória, Dezembro de 2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

C578 Cirillo, José, Org.; Grando, Ângela, Org.
Poéticas da Criação, E.S. 2014. Seminário sobre o processo de criação nas Artes. /
Organização de José Cirillo e Ângela Grando. – São Paulo: Intermeios, 2014.

**Seminário Ibero-Americano sobre o Processo de Criação 4 a 6 de dezembro de 2014,
Vitória - Espírito Santo**

ISBN: 978-85-64586-96-3

1. Crítica Textual. 2. Arte. 3. Crítica Genética. 4. Criação Artística.
5. Criação Literária. 6. Criatividade. 6. Processo de Produção. 7. Produção Literária. 8. Pro-
cesso de Criação. I. Título. II. Poéticas da criação. III. Seminário Ibero-Americano sobre
o Processo de Criação. IV. Cirillo, José, Organizador. V. Grando, Ângela, Organizadora.
VI. Intermeios - Casa de Livros e Artes.

CDU 82.09
CDD 801.959

Catalogação elaborada por Ruth Simão Paulino

Conselho científico

Almerinda Lopes; Aíssa Guimarães; Ângela Grando
Bezerra; Aparecido José Cirillo; Cecília Almeida Salles;
Cesar Floriano dos Santos; Clara Miranda; Diana
Ribas; Gisele Ribeiro; Luís Jorge Gonçalves; Maurício
Farina; Pilar M. Soto Solier; Teresa Espantoso
Rodrigues; Teresa Fernanda García Gil; Marta Strambi;
Maria de Fátima Morethy Couto; Maria Regina
Rodrigues; Ricardo Maurício Gonzaga; Sílvia Anastácio
Guerra; Waldir Barreto.

Editor

José Cirillo

Diagramação

Vinicius Caus Zuqui

Organização

José Cirillo
Ângela Grando

Fotografias

Yuri Barichivich

Realização



LEENA



UFES
PPGA/UFES

Apoio



Ministério da
Educação

SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVACÃO, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TRABALHO

